

GEOGRAFIA E LITERATURA: Diálogos e desafios contemporâneos

GEOGRAPHY AND LITERATURE: Dialogues and contemporary challengers

GEOGRAFÍA Y LITERATURA: Diálogos e desafíos contemporâneos

Eduardo Marandola Jr. - Unicamp
Eguimar Felicio Chaveiro - UFG
Lúcia Helena Batista Gratão - UEL

“Uma das coisas importantes que aprendi nesse meu estudo pós-aposentadoria, é que nessa grande crise histórica que atravessamos nessa virada de séculos e milênios é que, complementarmente à revisão no contexto da Razão, há uma grande tomada de consciência da necessidade de elaborar-se um conhecimento (episteme) bem mais conjuntivo, ao mesmo tempo que carecemos urgentemente da promoção de um novo humanismo.”

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2005)

Em 2005, o grande geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Professor Emérito da Universidade de São Paulo, proferiu a aula inaugural dos cursos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas com o instigante título “O sentimento de mundo entre a ciência (Geografia) e a arte (Poesia dramática) no nascedouro do Brasil”, de onde selecionamos a epígrafe acima (Monteiro, 2005).

Tema recorrente em seus textos e reflexões após sua precoce aposentadoria em meados dos anos 1980, o professor Monteiro, já um notável geógrafo das fileiras da climatologia geográfica, tornou-se internacionalmente conhecido por sua dedicação aos estudos de Geografia e Literatura. Seu interesse veio de sua nova circunstância profissional e de sua erudição e cultura que sempre lhe foram peculiares. Assim, a Geografia feita no Brasil pôde reencontrar, em seus textos, a força das múltiplas relações entre a Literatura, a História, a Filosofia e a Geografia.

Ele esteve entre os primeiros geógrafos no Brasil a tomar com afinco esta tarefa, sem necessariamente quer construir uma abordagem mas, rigoroso com o método e fidedigno com suas convicções, esmerou-se em elaborar para si uma forma de articulação que tinha como diretrizes justamente os pilares acima: uma outra Razão, uma outra *episteme* mais conjuntiva, em direção a um novo humanismo.

A grande inspiração para os estudos de Monteiro foi a coletânea organizada pelo geógrafo inglês Douglas Pocock: “Humanistic Geography and Literature: essays on the experience of place”, do início dos anos 1980 (Pocock, 1981). De lá para cá, Monteiro construiu uma consistente gama de estudos no campo que foram fundamentais para que estes se difundissem no Brasil (Monteiro, 2002; 2008). Suas obras mais recentes, “O cristal e a chama” (em dois volumes), são um magnífico exercício de realização daquilo que propunha em sua aula inaugural de 2005: articulando Geografia e História, via narrativa poética e produção do conhecimento, aponta para novas epistemes nas quais Razão e Sentimento não estão polarizados, mas entrelaçados em devir (Monteiro, 2014; 2015).

Iniciar a apresentação da Seção Temática “Geografia e Literatura”, da Revista da ANPEGE, retomando o importante trabalho de Monteiro é uma forma de homenagear este geógrafo nonagenário e também colher de sua proposição a projeção conjuntiva que marca sua trajetória. Se é verdade que é nos estudos humanistas que os geógrafos inicialmente passam a dar atenção sistemática à Literatura (na retomada da tradição das humanidades), tais estudos atualmente apresentam-se bastante difundidos e multifacetados. Temos um campo específico na Geografia, mas também nos Estudos Literários, além da incorporação da literatura como material de estudo em diferentes campos da ciência geográfica.

Quanto à Geografia, são significativos os Simpósios Nacionais de Geografia, Literatura e Arte (SIGEOLITERART), que tiveram sua primeira edição idealizada e promovida pela professora Maria Auxiliadora da Silva, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2010. A partir da segunda edição, realizada na Universidade de São Paulo (USP), em 2013, o evento passou a ocorrer bianualmente, junto com os Simpósios Internacionais de Geografia, Literatura e Arte, tendo acontecido sua quinta edição em 2019, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRJ). No em torno dos simpósios, uma revista foi criada (“Geografia, Literatura e Arte” – USP), um Grupo de Trabalho na ANPEGE tem sido realizado desde 2011 (inicialmente denominado “Geografia e Literatura: interlocuções possíveis), proposto e coordenado pelos professores Eguimar Felício Chaveiro, da Universidade Federal de Goiás (UFG), Júlio Cesar Suzuki, da USP, e Cláudio Benito Oliveira Ferras, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), assim como foi fundada, recentemente, a Rede Entremeio – Rede de pesquisa Geografia, Turismo e Literatura (criada em 2017), que passou a se responsabilizar pelos simpósios.

A presente publicação da Revista da ANPEGE expressa a confluência de dois projetos que nasceram em paralelo e que se tornaram um, a partir destes e de outros esforços de diferentes pesquisadores e pesquisadores na última década. O primeiro deles é a organização do segundo volume do livro “Geografia & Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação”, publicado pela Eduel em 2010, organizado por Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena B. Gratão (Marandola Jr.; Gratão, 2010). Assumidamente em tom de ensaio, o livro teve excelente recepção, com algumas reedições e uma repercussão significativa, pela temática, pelos autores e pelo grande interesse que este tema de pesquisa assumiu nos últimos anos. O livro contou com ensaios de geógrafos na interface Geografia-Literatura, de diferentes perspectivas, que foram convidados a tecer aproximações com o tema. O tom ensaístico contribuiu para criação de aberturas que, mais do que apresentar caminhos consolidados, ofereceram possibilidades de diálogo e de pensamento.

A organização de um segundo volume, com novos ensaios, foi pensada a partir de 2019, com o propósito de publicação em 2020, comemorando assim os 10 anos daquele primeiro livro. Foram convidados autores que haviam participado da primeira obra, mas com duas diferenças importantes, que expressam a consolidação destes estudos no Brasil: a presença de novos doutores e doutoras que realizaram suas pesquisas de tese no campo, e a presença de colegas da Literatura que, neste tempo, também estruturam uma linha de investigação forte nos Estudos Literários, em especial na Literatura de Língua Portuguesa e nos Estudos Comparatistas.

Em meio a este projeto, o Editor-Chefe da Revista da ANPEGE, Prof. Manoel Santana Filho, realizou o convite para a organização de uma Seção Temática sobre o tema, pautado nos antecedentes construídos na última década. Inicialmente, estes projetos correram em paralelo, mas chegou o momento que ficou evidente que se tratavam de um mesmo movimento: reunir autores e autoras para refletir e expressar o que estes últimos 10 anos de pesquisas, eventos e interlocuções colocam como possibilidades e desafios para este campo que, se é recente em sua estruturação mais sistemática no Brasil, resguarda linhas de articulação com todos os campos da Geografia e do conhecimento, mais recentes ou tradicionais.

São 18 artigos que trazem desde análises de obras específicas até contribuições teórico-metodológicas para o campo, frutos do enfrentamento do enorme desafio de pensar outra *episteme*.

A Seção Temática começa com o artigo “A geografia humanista, a literatura e a arte: por uma epistemologia fenomenológica”, de Werther *Holzer*, no qual o autor retoma a relação da Geografia com as Humanidades a partir da Fenomenologia, compondo uma epistemologia comum às ciências e às artes. Seu artigo argumenta que paisagem e lugar, como essências intersubjetivas, permitem uma leitura fenomenológico-hermenêutica da literatura, especialmente pelas perspectivas da trajeção e do sensoriamento íntimo.

“Literatura e geografia: relato de experiência, reflexão teórico-metodológica, aproximação entre arte e ciência”, de Márcia Manir Miguel *Feitosa* traz importante contribuição ao contextualizar sua trajetória como pesquisadora da interface Geografia-Literatura a partir dos estudos literários. Trata-se de uma proposta interdisciplinar que articula, via experiência, o interesse pela poesia portuguesa e a Geografia Humanista, o que a autora reputa à “percepção arguta e sagaz” de Livia de Oliveira, a quem é dedicado o artigo, como homenagem.

A seguir temos o artigo de Maria Geralda de *Almeida*, “Literatura de viagem: desvelando paisagens sedutoras e territórios fantásticos”, no qual a autora trabalha com a literatura de viagem que coloca relevo no maravilhoso e no exótico como estratégia de narração para criar e afirmar os lugares que devem ser lembrados e visitados. Tendo como fio o livro “A sombra da Rota da Seda”, de Colin Thubron, Almeida traz as cosmologias e diferentes percepções das paisagens e territórios que estão invisibilizados nos textos geográficos.

Eguimar Felício *Chaveiro* coloca o debate político com o artigo “A dimensão literária da geografia e a dimensão política da literatura: a mesma face de uma reflexão múltipla”, no qual o autor defende a proximidade de Geografia e Literatura pela linguagem: ambas a utilizam para produzir sua identidade, embora pela linguagem também se diferenciem. A dimensão política da literatura é mobilizada para mostrar seu lugar no mundo, enquanto potência mobilizadora e, também, questionadora, o que é reclamado pelo autor para os

geógrafos que cedem ao academicismo e ao formalismo acadêmico, mantendo a dimensão literária da geografia controlada, domesticada e, de certa forma, inerte.

Em “Por uma geografia literária de leituras do espaço e espaços de leitura”, Tiago Vieira *Cavalcante* defende uma geografia literária que lança seus olhos também para os “espaços de leitura”, ou seja, lugares onde a literatura tem papel de constituição das concepções de mundo de seus frequentadores. O autor propõe tais espaços como lugares de resistência (em seu sentido político), nos quais é possível reeditar a verdade do homem no mundo, o que pode resultar em mudar sua história e sua geografia.

Sibele *Paulino* traz outro contributo em “A geografia literária e a voz que vem dos trópicos”, no qual a autora mergulha no texto literário do romance “Tróp(ic)os. O mito da viagem”, de Robert Müller, para compor uma proposta teórico-metodológica de uma geografia literária, a partir de E. Cassirer, A partir de sua filosofia das formas simbólicas, a autora argumenta pelo retorno ao “caos das impressões” como um espaço pré-linguístico apreendida *ex negativo*, o que permite compreender as (re)invenções de espacialidades promovidas pelo texto literário.

O texto de Ivo *Venerotti*, “Carta a C. seguida de três cartas a E. ou Estou como que sobre cartas e geografias” completa, com os textos de Cavalcante e Paulino, o conjunto de textos de recém-doutores que trazem para a Seção Temática contribuições propositivas para o campo. Se Cavalcante indica a necessidade de pensarmos os espaços de leitura e Paulino apresenta o “caos das impressões”, Venerotti envereda pela experimentação linguística, assumindo o estilo epistolar em uma escrita que tem como horizonte a relação das produção de cartas e suas geografias. Para além da retórica, o experimentalismo assume o corpo da linguagem, no flerte da Filosofia da Diferença com a Geografia Humanista.

Jamille da Silva *Lima-Payayá* e Eduardo *Marandola Jr.* ressoam a literatura indígena em “‘Vozes selvagens’: ecoando a literatura indígena”, em especial a obra poética do Cacique Juvenal Payayá. Os autores buscam em sua poética elementos para o enfrentamento da colonialidade. A literatura indígena se coloca como possibilidade de desembriagamento do eu, no qual a própria Geografia está presa, constituindo-se como abertura para outras geografias. Não se trata propriamente de um estudo da obra do Cacique Payayá, mas um ecoar da multivocalidade que é da própria Terra, na radicalidade da alteridade.

Em “Ferida de outono: literatura, corpo e presentificação da geograficidade”, Fernanda Cristina *De Paula* se pergunta pela origem do poder da literatura em nos afetar. Dialogando com a narrativa de Yanick Lahens (“*Bain de lune*”), a autora percorre a dimensão sensível da filosofia de M. Merleau-Ponty para afirmar a força de presentificação de nossa geograficidade na experiência literária. Trata-se de uma geografia encarnada que encontra na Literatura meio de realização.

A dimensão do sensível retorna revestida como sentimento em “Narrativas pós-abissais na educação geográfica”, de Ana Carolina de Oliveira *Marques*. A pergunta pelo sofrimento e a possibilidade de sua comunicação perpassa a reflexão que articula educação, justiça social, escala, território, trabalho, cotidiano e experiência, como um convite à produção de narrativas pós-abissais da Educação Geográfica, em seu comprometimento social. O texto destaca o papel do reconhecimento e a importância do embate de narrativas, no qual a literatura teria uma potencialidade mobilizadora.

“A metáfora combatente: interpretação literogeográfica da mineração no poema ‘O maior trem do mundo’, de Drummond”, de Ricardo Junior de Assis Fernandes *Gonçalves*, traz estudo do poema “O maior trem do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade, propondo uma interpretação literogeográfica da mineração. A poética do autor é tomada como instrumento de percepção crítica da atividade mineradora, assim como suas implicações territoriais, significado histórico e social para o país.

O artigo seguinte, assinado por Livia de *Oliveira* e Amanda A. S. *Prado*, mergulha histórico-geograficamente na poesia da monja mexicana Sor Juana Inés. “O olhar geográfico-literário dos tesouros poéticos de Sor Juana Inés de la Cruz” traz diálogo da eminente geógrafa com sua sobrinha-neta, estudante de Letras. Representante da poesia barroca, o

artigo enfatiza os entrelaçamentos entre a geografia vulcânica e montanhosa com a história atormentada e sangrenta do planalto de Anauc, trazendo um retrato espiritual a partir de espaços alegres, da experiência de mundo e a busca do saber da poetisa. Ter este texto de Livia na constituição desta Seção Temática, no ano de sua despedida, converte-se também em uma homenagem que prestamos a uma das que abriram importantes portas para estes estudos na Geografia feita no Brasil.

Lúcia Helena Batista *Gratão* dá sequência à Seção Temática com “De volta à infância pela poesia de Manoel de Barros: geoautobiografia poética de uma geógrafa sertaneja”, artigo que escava sua própria memória ao (re)encontro da infância. A poesia de Manoel de Barros e a fenomenologia da imaginação de Bachelard são as luzes projetoras para tal incursão, o que Gratão realiza oniricamente, pelo ser criança e pelo imaginário da Terra. Uma geografia telúrica de lugares e paisagens se desvela pela pena desta “menina do mato”, como se descreve a geógrafa sertaneja.

Outra repercussão da paisagem do sertão, tão preme em nossa Literatura, lemos no texto “A paisagem vernacular em ‘O sertanejo’”, de Otávio José Lemos *Costa*. Partindo da leitura do texto de José de Alencar, busca a dissociação de elementos presentes no romance para pensar a paisagem sertaneja na perspectiva do caráter emocional narrado como expressão de paisagens e lugares sertanejos. Para o autor, a paisagem narrada remete ao imaginário de uma dada sociedade, para além de seu caráter de superfície (extensividade), articulando-se assim com o excepcional motivado pelas subjetividades.

Do Nordeste para o Sul, Ideni T. *Antonello* e Jeani Delgado Paschoal *Moura* revisitam o Brasil meridional em “Espacialidade e temporalidade presentes na narrativa literária, ‘O continente’, de Érico Veríssimo”, buscando articular a Geografia (espacialidade), a História (temporalidade) e a Literatura (narrativa literária). As autoras apresentam o esforço de construção interdisciplinar para renovar a Ciência (como crítica às demarcações impostas pela Ciência Moderna), tomando a verossimilhança do texto literário como o possibilitador destas articulações.

Os dois próximos textos, expressam a riqueza de possibilidades e ambivalências que ficaram evidentes até aqui, voltando-se, cada um à sua maneira, para a alteridade. Em “Geografias imaginadas: o mundo pelo olhar do outro”, Virgínia de Lima *Palhares* realiza leitura de “Estórias Abensonhadas”, de Mia Couto, e vê o mundo pelo olhar do Outro: o cego que tem outra forma de “olhar”. Esta abertura que o entrelaçamento Geografia-Literatura oferece a possibilidade do advento de Geografias imaginadas, pela potência da imaginação deste encontro.

“Espaço e literatura na paisagem cultural: referência francesas nas cidades de Goiás e Goiânia no início do século XX”, de Valéria Cristina Pereira da *Silva*, mergulha na constituição do imaginário urbano das cidades de Goiás e Goiânia a partir das referências francesas. Esta relação de alteridade, como olhar estrangeiro, é constituinte do espaço e do imaginário urbanos, estando registradas na literatura e na imprensa. O artigo busca compreender estas relações expressas em imagens, signos linguísticos e plásticos que formam identidades e alteridades como paisagem cultural.

Esta Seção Temática se encerra com o artigo de Felipe Moura *Fernandes*, “Uma imagem da produção em Geografia e Literatura no Brasil”, no qual o autor busca considerar o campo da Geografia e Literatura no Brasil. Como uma imagem, expressa certas escolhas de seu autor e oferece um contraponto instigante para ser lido após a leitura dos demais artigos que, à sua maneira, também construíram uma imagem da multiplicidade que é, atualmente, o campo de estudos e relações entre Geografia e Literatura.

São 18 artigos e ensaios que tecem diálogos variados entre Geografia e Literatura: múltiplos temas, perspectivas teóricas, conceitos, gêneros literários, ideologias e posicionamentos políticos. Em todos eles, no entanto, a relação Geografia-Literatura não é apaziguada, mas problematizada, sem a constituição de qualquer tipo de consenso. Antes, a contínua questionabilidade relacionada à natureza e às variáveis que tensionam esta relação é uma marca importante dos estudos do campo, que parecem se constituir sem uma estabilização muito

acentuada. Isso é certamente revigorante e animador se pensarmos que, após uma década de intensos trabalhos sistemáticos e esforços de constituição de um campo de estudos, estes continuam acolhendo novas questões e possibilitando mais a multiplicação de perspectivas do que a solidificação de uma orientação dominante.

Agradecemos assim à possibilidade e ao apoio que a Revista da ANPEGE, na pessoa de seus editores, nos ofereceram para organizar esta Seção Temática: Prof. Manoel Santana Filho, editor quando este volume foi concebido, e Profa. María Franco García, editora quando o mesmo está sendo publicado.

Esperamos que esta Seção Temática contribua para que novos geógrafos sintam-se desafiados a pensar outra *episteme*, mais conjuntiva, neste já fecundo e multifacetado diálogo com a Literatura.

Referências

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia H. B. (Org.) **Geografia & Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: Edel, 2010.

MONTEIRO, Carlos A. F. **O mapa e a trama**: ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.

MONTEIRO, Carlos A. F. **O sentimento do mundo entre a Ciência (Geografia) e a Arte (Poesia Dramática) no nascedouro do Brasil**. Aula Inaugural da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: FFLCH-USP, 28 de Fevereiro de 2005.

MONTEIRO, Carlos A. F. **Geografia sempre**: o homem e seus mundos. Campinas: Edições Territorial, 2008.

MONTEIRO, Carlos A. F. **O cristal e a chama**: o sentimento do mundo na comunicação geográfica e na expressão artística nas grandes crises introdutórias às modernidades. Dourados: Ed. UFGD, 2013. Volume 1: Brasil 1500.

MONTEIRO, Carlos A. F. **O cristal e a chama**. Dourados: Ed. UFGD, 2014. Volume 2: Brasil 2000.

POCOCK, Douglas (Ed.) **Humanistic geography and literature**: essays on the experience of place. London: Croom Helm, 1981.